

Letramento em contextos de educação infantil

Inés Corte Vitoria

Brasil

Resumo

O texto aborda questões relativas à pesquisa sobre letramento em Educação Infantil, iniciada em junho do ano de 2010, realizada junto a professores em fase de Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil. Aprofunda as discussões realizadas pelo grupo participante do estudo, descrevendo de que forma os diários de aula serviram como instrumento de reflexão sobre a prática do letramento em contextos de educação infantil. Nesse sentido, adotar os diários de aula como metodologia de trabalho mobilizou o exercício do registro escrito como apoio à atitude investigativa. Os resultados parciais aqui apresentados indicam dilemas entre: 1. Letramento x Aquisição da base alfabética; 2. Primazia da teoria X Primazia da experiência; 3. Ensinar a ler e a escrever X estimular o gosto e o hábito de ler e escrever. Destacam-se também como resultados parciais significativos no contexto investigado: crianças de até 6 anos tem pouco contato com a leitura em suas casas; a rotina diária é marcada pelo interesse dos alunos na leitura dos contos de fadas, fábulas e poesias; para todas as crianças investigadas, as experiências de leitura acontecem pela primeira vez na escola; o gosto pela leitura digital é um fato que se observou em todas as faixas etárias analisadas.

Palabras-clave: Educación Infantil; alfabetismo; diários de classe

Literacy in childhood education contexts.

Inés Corte Vitoria

Brasil

Abstract

The text approaches issues related to the research on literacy in Childhood Education, which began in June of 2010, conducted with teachers in phase of Supervised Internship from the Education Faculty at PUCRS (Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul/Brazil). It deepens the discussions held by the group participating in the study, describing how the diaries lesson served as a tool for reflection on the practice of literacy in contexts of Childhood Education. In this sense, adopting the classroom diaries as a method of work has mobilized the written investigative attitude. The partial results presented here indicate the dilemmas between: 1. Literacy X Alphabetical Basis Acquisition ; 2. Primacy of Theory X Primacy of experience; 3. Teaching reading and writing X Stimulate the taste and habit of reading and writing. It also stands out as a significant partial result in the investigation context: children under 6 years has little contact with reading at their homes; the daily routine is marked by the students interest in reading fairy tales, fables and poetry. For all children studied, their reading experiences happen for the first time at school. The taste for digital reading is a fact that was observed in all age groups.

Key-words: Childhood Education; literacy; classroom diaries

Alfabetización en contextos de educación Infantil

INES CORTE VIRTORIA

Brasil

Resumen

El texto aborda cuestiones relativas a la investigación sobre la alfabetización en educación Infantil. La investigación fue iniciada en Junio de 2010. Se realizó con los profesores que participaban en la fase de PRACTICUM del curso de Pedagogía de la Facultad de Educación de la PUCRS (Pontificia Universidad Católica de Río Grande del Sur, Porto Alegre, Brasil).

Se analizan en profundidad las discusiones realizadas por el grupo participante en el estudio, analizando la forma en que los diarios de clase sirvieron como instrumento de reflexión sobre la práctica de la alfabetización en contextos de Educación Infantil. En ese sentido, el uso de los diarios como metodología de trabajo movilizó el ejercicio de la escritura y sirvió de refuerzo a la actitud investigadora. Los resultados parciales que se presentan en este artículo evidencian dilemas entre. (1) Escritura y conocimientos alfabéticos básicos; (2) Primacía de la teoría frente a primacía de la experiencia; (3) Enseñar a leer y escribir frente a estimular el gusto por leer y escribir. Destacan también como resultados parciales significativos en el contexto investigado: que los niños hasta los 6 años tienen poco contacto en sus casas con la lectura; que la rutina diaria viene marcada por el mayor interés de los niños por leer cuentos de hadas, fábulas o poesía; en lo que se refiere a todos los niños y niñas estudiados sus primeras experiencias con la lectura tuvieron lugar en la escuela; el gusto por la lectura digital es un hecho que se observó en todas las edades analizadas.

Palabras clave: Educación Infantil, Alfabetización, Diarios de clase.

Introdução

A presente investigação estabeleceu como metodologia de pesquisa a elaboração de diários de aula, indicada na perspectiva de Zabalza (2004), solicitando ao professor registrar o cotidiano escolar, focando tal registro nas práticas de letramento realizadas na sala de aula, a partir da seguinte consigna: *escreve no teu diário o que te parecer mais significativo em termos de atividades propostas para desenvolver o letramento em sala de aula e a maneira como percebes que tais atividades se projetam no dia a dia dos alunos. É importante lembrar que a escrita dos diários deve ser sistemática, não necessariamente diária.* Cabe destacar que, ao falarmos em letramento, estamos nos referindo à utilização das práticas sociais de língua escrita, com vistas ao uso pleno da função social da escrita. Propõe a ruptura de uma escrita meramente protocolar, e orienta para uma escrita que contemple tanto os aspectos objetivos/descritivos quanto subjetivos presentes na atuação docente. Nesse sentido, o uso dos diários se validou como um recurso fundamental para a pesquisa, na medida em que se incentivou a escrita sistemática como uma possibilidade de identificar elementos relacionados ao letramento, já que, havendo um registro escrito, os estagiários poderiam a ele recorrer sempre que julgassem necessário refletir sobre a própria prática pedagógica. Cabe ainda ressaltar que o estudo também buscou vincular a elaboração dos diários de aula à qualificação da escrita do estagiário, tanto no que se refere aos aspectos de conteúdo específico sobre letramento quanto aos aspectos estruturais do texto elaborado. Isso porque se acredita

que, quanto mais o sujeito escreve, mais ele se depara com o ato de escrever, reconhecendo na própria escrita limitações e potencialidades que não seriam possíveis serem percebidas e analisadas, caso não escrevesse. Pode-se, por isso, dizer que também se investigou outra questão que nos parece importante: ao registrar a forma como implementa o processo de letramento junto aos alunos, o próprio estagiário se veria afetado por esse processo. Isso posto, pode-se adiantar que, se, por um lado, se observou que ainda é forte a vinculação da escrita dos professores na escola à mera descrição do que se passa no cotidiano docente, por outro, os registros passaram a apresentar uma escrita cada vez mais marcada pelas percepções e representações dos professores acerca do foco do estudo. Dessa forma, a partir da utilização dos diários de aula, temos buscado responder à problemática investigada nesta pesquisa: “Quais as possibilidades de desenvolver o processo de letramento em contextos de Educação Infantil”? Neste artigo, os resultados parciais da pesquisa são relatados, destacando o que nos parece mais significativo acerca da temática do letramento em Educação Infantil. Para tanto, três seções serão apresentadas: (1) a inserção dos diários de aula na rotina dos estagiários; (2) as possibilidades de letramento no cotidiano da educação infantil. (3) o uso do diário de aula como instrumento de qualificação da escrita do estagiário.

1. A inserção dos diários de aula na rotina dos estagiários

Sabe-se que nos Diários de Aula o professor *explica, expõe, interpreta sua ação diária na aula ou fora dela*

(Zabalza, 2003). Na perspectiva do autor, o sentido básico do diário é se tornar um espaço narrativo dos pensamentos dos professores. Ainda para Zabalza (2003), o que se pretende explorar por meio do diário é, estritamente, o que figura nele como *expressão da versão que o professor dá de sua própria atuação em aula e da perspectiva pessoal através da qual a enfrenta*. Assim sendo, levou-se em conta a necessidade de um material concreto, nesse caso, o texto do diário de aula, para que se pudesse convertê-lo num instrumento de análise sobre as práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento do letramento em sala de aula. Dessa forma, o registro sistemático viabilizado pelo uso do diário possibilitou inúmeras reflexões, tanto individuais quanto coletivas, do grupo integrante da pesquisa, desvelando questões importantes para a prática do letramento em educação infantil, partindo das percepções e representações que os professores evidenciaram nas escritas dos diários de aula. Nesse sentido, foi possível identificar que:

- Os professores consideraram o diário como um instrumento valioso de registro, a partir do qual se fez possível analisar as práticas pedagógicas focadas no letramento;
- A articulação entre os conceitos sobre letramento e a reflexão sobre as práticas pedagógicas de letramento se viu favorecida com a escrita dos diários;
- A escrita dos diários de aula, na perspectiva indicada por Zabalza, é reconhecidamente um valioso recurso de acompanhamento da própria prática, embora todos os estagiários participantes da pesquisa tenham referido que o tempo disponível para realizá-la é demasiado escasso, dada a

demanda de tarefas que assumem ao longo do estágio;

- A discussão a partir dos registros dos diários de aula no grupo de pesquisa (supervisora de estágio e colegas) se revelou uma estratégia produtiva para aprimorar os processos de letramento na educação infantil, bem como aprofundar o entendimento que os estagiários têm acerca de tal temática.

Sobre isso, Zabalza (2003) ressalta que, *quando se trata de ação docente, as contradições não são algo excessivamente incongruentes, pois fazem parte do desenvolvimento da própria ação, da dialética entre o desejável e o possível*. A partir dessa perspectiva, o uso do diário assumiu um papel importante no cotidiano docente, na medida em que “autorizaram” registros mais espontâneos, menos protocolares, que possibilitaram a expressão de incertezas, contradições, capacidades e limitações por parte dos estagiários. Por isso mesmo, considerou-se importante incentivar a reflexão coletiva entre os sujeitos pertencentes à investigação, socializando no grupo as conquistas e as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do letramento em contextos de educação infantil. Podemos dizer também que a partilha de saberes tem sido uma boa experiência para a qualificação das práticas de letramento, além de potencializar a construção de estratégias mais consistentes a serem incorporadas no planejamento didático. Dessa forma,, os diários de aula e as reflexões deles advindas e neles registradas sobre letrar na educação infantil foram fundamentais para mapear não apenas as possibilidades de letramento em sala de aula, mas também para qualificar as estratégias

utilizadas pelos estagiários para o desenvolvimento desse processo.

Cabe destacar que a elaboração dos diários, num primeiro momento, representou para os professores uma tarefa a mais a ser cumprida, uma atividade para a qual nem todos se sentiam preparados a executar. Talvez isso se explique por uma rotina, em geral, desgastante enfrentada pelos docentes de educação infantil. Em meio a uma etapa de escolarização marcada, historicamente, por assegurar a integridade física, promover a recreação, a alimentação, a limpeza, a disciplina, enfim, ser um complemento ao atendimento familiar, pode-se entender que os professores tenham tido receio de agregar a essa rotina de cuidar e educar um registro escrito elaborado de forma sistemática, ainda que não precisassem escrever no diário todos os dias, tal como foi ressaltado na consígnia já no início da investigação . Por isso, foi preciso investir um tempo na compreensão e sensibilização dos estagiários de que tomar a escrita como ponto de partida para a realização de uma prática pedagógica focada no letramento na educação infantil significaria (re) conhecer o registro escrito como forma de agregar valor ao trabalho, não um fardo a ser carregado de maneira mecânica. Investimos fortemente no princípio de que trabalhar numa perspectiva de auto-formação deveria ser a principal motivação para que os diários começassem a ser elaborados. Numa primeira etapa, os diários foram sendo lidos/analísados individualmente, pelo professor-orientador de estágio, como exercício de análise do conteúdo ali expresso. Nesta primeira etapa, ficou combinado que os diários seriam lidos pelo supervisor, que retiraria das narrativas tudo o que se referia ao foco

que nos interessava analisar: o letramento em contextos de educação infantil. Numa segunda etapa, a análise dos diários passou a ser compartilhada com o grupo de estagiários participantes do estudo. Sobre isso, observou-se que o exercício de analisar os diários de forma coletiva passou a estimular os professores a realizarem uma escrita mais abrangente, com mais riqueza de detalhes e mais envolvimento pessoal. Alguns excertos dos diários, devidamente autorizados pelos estagiários, foram projetados em slides e comentados pelo grupo. A partir de então, a análise dos diários começou a ser partilhada, permitindo uma leitura atravessada por múltiplos olhares, sendo que as inferências trazidas pelo grupo a respeito do letramento em educação infantil nos permitiram observar dois aspectos significativos, aqui traduzidos em forma de dilemas:

Letramento x Aquisição da base alfabética - ficou evidente a necessidade de maior entendimento entre o significado de letramento como prática social da língua escrita e a aquisição do sistema alfabético. Em muitos casos, o letramento foi confundido com o processo de alfabetização (no seu conceito restrito, entendido como decodificação de signo linguístico). Daí a necessidade que sentimos de aprofundar o significado de ambos os conceitos, já que não espera na educação infantil a aquisição da base alfabética, mas é fundamental que o ambiente de letramento esteja proposto com clara intenção pedagógica, inclusive para favorecer a relação da criança com a língua escrita. Para tanto, os

estagiários foram incentivados a realizar a leitura diária de distintos portadores de texto, como poesias, histórias, periódicos, assim como o uso de material de escrita – bilhetes, convites, receitas, cartazes - sobretudo para marcar distinções entre um processo e outro. Noutras palavras, letrar, tal como se espera nessa etapa de desenvolvimento infantil, significa no mais das vezes, que o próprio professor seja o escriba e leitor do aluno, processo este que não se vê obrigatoriamente acompanhado do ensino da base alfabética.

“Primazia da teoria X Primazia da experiência – observou-se que as práticas pedagógicas de letramento ainda são desenvolvidas refletindo uma tímida relação entre teoria e prática. Ora as atividades se pautaram dando ênfase às teorias que subsidiaram o estudo – desconsiderando as especificidades de cada contexto – ora se pautaram em práticas mais intuitivas que intencionais. Em ambos os casos, o desenvolvimento do letramento na educação infantil se fragiliza, seja pela prática esvaziada de sentido conceitual, seja pela teoria seguida sem nenhum tipo de adequação ao contexto, às características das crianças e da turma em que se está atuando. Dada esta observação, investimos fortemente na compreensão de que teoria e prática se entrelaçam, não se contrapõem. E ainda: da própria experiência e observação atenta da turma é que se buscam teorias que explicam e auxiliam na qualificação

dos processos pedagógicos. Noutras palavras, insistimos na própria prática pedagógica como objeto de pesquisa, ou seja, uma prática da qual se retirem questões e aspectos significativos que se converterão em temas a serem estudados, aprofundados e problematizados. Defendemos a idéia de que tanto a teoria e a prática, ainda que com características específicas, devem ser levadas em conta para promover uma formação de professores mais sólida e plena de significação.

Destaca-se também que a utilização dos diários de aula na rotina dos estagiários do curso de Pedagogia nos tem favorecido reflexões acerca do cotidiano escolar em contextos de Educação Infantil, sobre como o estagiário lida com o desenvolvimento das aulas, de que forma busca estratégias que atendam a este tipo de rotina dinâmica, ativa, que exige também do professor uma atuação marcada pela atividade intensa, na medida em que, dentre suas atribuições, está a organização individual e coletiva do grupo de alunos, a construção de regras de convivência, a sistematização da rotina escolar, a realização do planejamento, o atendimento às necessidades imediatas individuais das crianças, o acompanhamento e avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem, o estabelecimento de uma relação cordial e próxima com os pais dos alunos, o atendimento às solicitações da escola, o (re) planejamento de novas estratégias, de acordo com as necessidades evidenciadas pelas crianças e pelo contexto em que estão inseridas.

Pode-se pensar que essas exigências inerentes a um cenário que busca mais qualidade em educação infantil costumam se traduzir numa rotina plena de desafios que costumam mobilizar a atenção e a ação do professor durante todo o tempo. Assim sendo, os diários de aula passaram a representar, nas palavras do estagiário A., não apenas um registro que descreve o que se passa na rotina de sala de aula, mas também *um momento no dia para poder encontrar-se a sós, sem ter que atender a tantas tarefas ao mesmo tempo*. No entendimento deste estagiário, a validação do uso dos diários se expressou, sobretudo, na possibilidade *de dedicarmos um tempo só pra nós, escrevendo do nosso jeito sobre o que fazemos*.

Em que pese serem estes os principais resultados obtidos ao longo de um semestre de pesquisa, nos parece interessante dizer que os dilemas aqui destacados servem como convite a novas reflexões e novas perguntas acerca do letramento em contextos de educação infantil.

2. As possibilidades de letramento no cotidiano da Educação Infantil.

No Brasil, a partir da expansão da escola pública, coube à escola a tarefa de ensinar a ler e escrever. A alfabetização é um processo que está formalmente a cargo da escola. Mas, ao mesmo tempo em que a escola trouxe para si a tarefa de ensinar a ler e a escrever, ela estabeleceu também uma dicotomia entre o aprender a ler e escrever e a função social da língua escrita. A escrita que geralmente é ensinada na escola,

não é a escrita utilizada socialmente. Estudos apontam ainda hoje, início do século XXI, a visão mecanicista da aprendizagem da língua escrita: primeiro os sujeitos necessitam aprender a decifrar e copiar e, só depois, aprender a interpretar e produzir, não obstante investigações e teorias tenham demonstrado que para aprender a ler e escrever são necessárias a participação ativa e a capacidade cognitiva do sujeito. Dessa forma, é importante que se discuta os termos alfabetização e **letramento**, bem como outras expressões correlacionadas. As primeiras palavras que necessitam ser definidas são **alfabetização** e **alfabetizado**. **Alfabetização** é a ação de ensinar a ler e a escrever, é oportunizar a interação do sujeito com a linguagem escrita para que ele a reconstrua e dela se aproprie, lendo e escrevendo. **Alfabetizado** é o sujeito que percorreu todos os níveis de evolução da escrita onde é capaz de ler e escrever qualquer texto. Para Ferreiro e Teberosky (1984, p.213):

Ao chegar ao nível cinco, o sujeito já franqueou a “barreira do código”, compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas, das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento o sujeito se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita no sentido estrito.

Para as autoras, o sujeito **alfabetizado** é aquele que é capaz de escrever e ler toda e qualquer palavra, pois não entendem leitura como mero decifrado e escrita como mera cópia, corro-

borando a idéia de que aprendizagem é um processo de apropriação e construção ativa por parte do sujeito que aprende. É importante destacar que na alfabetização estão envolvidos os dois processos: leitura e escrita. Nos países de língua espanhola da América Latina usa-se a expressão “lecto-escritura”; no Brasil utilizamos os termos leitura e escrita. Para Ferreiro (2001b, p.69):

Na tradição anglo-saxã, ao contrário, as duas atividades estão claramente diferenciadas, e reading predomina brutalmente sobre writting. Tanto é assim que há vários anos estamos insistindo com alguns colegas que a Associação Internacional de Leitura deveria chamar-se International Literacy Association ou International Reading and Writting Association(...)

Surge a necessidade de explicitarmos um outro termo que surgiu na literatura brasileira, nos anos 80-**letramento**. Mary Kato e Ângela Kleiman são duas das primeiras autoras a tratarem do tema. Mas é a partir da década de 90 que a discussão e uso do termo **letramento** saem do âmbito acadêmico para tornar-se mais usual entre os educadores. Soares (1998) é uma das responsáveis pela clarificação e difusão da expressão **letramento**. Para a autora (1998, p.36) “letramento é o estado ou condição em que adquire um indivíduo ou um grupo social como consequência de ter-se apropriado da escrita e que passa a fazer uso dela”. E **letramento**, segundo ela, originou-se da palavra inglesa **literacy**. A expressão inglesa é utilizada para designar estado ou condição de quem sabe ler e escrever e faz uso com competência dessas habilidades. Soares (1998, p.39)

também estabelece a diferença entre alfabetização e **letramento**:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento é não só aquele que usa socialmente a leitura e escrita, mas que pratica a leitura e a escrita, respondendo adequadamente às demandas sociais de cada tipo de linguagem.

Para Soares, portanto o conceito de alfabetização é restrito ao código (1998, p. 39), “aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia: a de codificar a língua escrita e de decodificar a língua escrita”. Outra concepção de letramento que tem sido bastante discutida é a de Tfouni (1995, p. 20). Para a autora **letramento** e alfabetização são processos de aquisição de um sistema de escrita: *enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade*. A autora apresenta a questão do **letramento** numa perspectiva sócio-histórica, analisando que mudanças sociais e discursivas ocorrem em uma sociedade enquanto ela se torna letrada; como os grupos sociais não alfabetizados que vivem numa sociedade letrada podem ser caracterizados. A concepção de Tfouni é teoricamente derivada de Vigotsky, diferentemente de Magda Soares, que analisa a questão do **letramento** sob uma perspectiva mais pragmática e escolarizada.

Finalmente uma terceira concepção que seria interessante analisar é a de Ferreiro, que contesta a utilização simultânea dos termos **letramento** e

alfabetização. Para Ferreiro **literacy** é utilizado na língua inglesa como alfabetização, tanto que não há outra palavra para indicar a aprendizagem inicial da língua escrita. Ao utilizar-se o termo **letramento** reduziu-se o conceito de alfabetização e para a autora a concepção de alfabetização é um processo muito mais amplo que o mero domínio do código. Sendo assim não seria necessário utilizar-se o termo **letramento**. A posição da autora (2002, p.16) torna-se clara quando afirma que *“os países pobres não superaram o analfabetismo; os ricos descobriram o iletrismo. Iletismo é o novo nome dado a uma realidade muito simples: a escolaridade básica universal não assegura a prática cotidiana da leitura.”*

As possibilidades de letramento no cotidiano da educação infantil: ensinar a ler e a escrever X gostar de ler e escrever

Dada a importância de situarmos os entendimentos e discussões acerca da temática da alfabetização e letramento na América Latina, tal como o fizemos na seção anterior, voltamos ao cenário da pesquisa para apresentar os aspectos que nos pareceram mais significativos quando o assunto trata das possibilidades de letramento em educação infantil nos contextos investigados. Bom seria se houvesse uma relação simétrica entre aprender a ler e escrever e gostar de ler e escrever. Se houvesse, possivelmente teríamos um contingente bem mais expressivo de leitores fluentes e produtores de texto. Nesse caso específico - a aquisição da escrita - as inúmeras hipóteses elaboradas sobre as possíveis formas de escrita das palavras, as tentativas e

erros até que os signos comecem a ter algum sentido, a relação assimétrica entre fonemas e grafias na nossa língua portuguesa, são alguns exemplos dos conflitos cognitivos que temos de enfrentar até entendermos o funcionamento da base alfabética. Nesse sentido, o caráter ativo do sujeito no próprio processo de aprendizado precisa ser motivado, afinal ninguém aprende por ninguém, assim como ninguém obriga ninguém a aprender, embora práticas pedagógicas tradicionais num passado nem tão remoto assim apresentassem letras, palavras e textos totalmente desvinculados da realidade do aluno, como se alfabetizar fosse colocar a criança diante de um labirinto, empurrando-a para entrar, sem indicação alguma que a ajudasse a encontrar a saída. Muitos aprenderam a ler e escrever assim: com dificuldades que poderiam ser substituídas por conflitos cognitivos; com a constituição de uma imagem negativa de si mesmo ao deparar-se com o erro, quando se sabe que ele é parte constituinte de nossas (re) elaborações e hipóteses acerca da leitura e da escrita. Curioso observar as palavras do estagiário B, ao falar de conflitos que envolvem as expectativas dos pais e das crianças em relação à escola infantil: [...] *o que faz o nosso aluno de educação infantil feliz aqui na escola são as brincadeiras, tanto as orientadas pela professora quanto as espontâneas [...]*. A partir desta fala, pode-se pensar que o contato com outras crianças, as visitas a lugares com plantas e animais, as novidades e experimentos, enfim, a vivência de uma infância menos restrita a pequenos espaços tais como os apartamentos de que a maioria provém e a chance de viver uma infância mais lúdica, mais livre, mais plena de novidades seriam as prerrogativas de

uma escola infantil que se propõe e respeitar a infância das crianças. Entretanto, se sabe, que há dilemas neste processo, já que por parte dos pais a expectativa é outra, ou seja, o que se espera de “escola séria” é que as crianças aprendam a ler e a escrever. Nas palavras do estagiário C: [...] *na primeira reunião de pais, uma mãe disse que brincar o filho brinca em casa. Na escola ele vem para aprender a ler e escrever [...]*. Cada vez que nos deparamos com esse tipo de depoimento, mais nos convencemos de que é preciso trazer os pais para dentro da escola infantil. Pais informados são pais parceiros. Pais desinformados são pais “cobradores” de práticas e atitudes do professor. É preciso que se invista nesta ideia de que a escola e a família assumem juntos um mesmo projeto educacional com uma mesma criança, que em casa é o filho e na escola é o aluno. Nem por isso duas crianças.

Por isso mesmo, consideramos necessário investir esforços na implementação de práticas de letramento que encaminhem para a ideia de escrita e leitura como algo que tem significado, que cumpre funções que a oralidade não pode cumprir, que pode ser aprendido, que pode ser compartilhado entre alunos e professores, enfim encaminhem para a ideia de leitura e escrita como algo bom, que facilita a vida e que dá prazer. Nas palavras do estagiário A, *para nós aqui da escola infantil é fundamental colocar as crianças em contato com o mundo da escrita [...] não tem como tu ensinar, trocar experiências e conversar sem a leitura e escrita, pois sempre se parte de um texto ou de algo que aconteceu com eles, e aí, ou eu mesma escrevo sobre isso, e depois leio para eles, ou proponho que cada um “escreva” do seu jeito [...]*

Embora não haja modelos para promover o letramento em contextos de educação infantil, o que pode destacar, a partir das experiências desenvolvidas neste estudo são algumas alternativas que se mostraram significativas no cotidiano dos estagiários, tais como: criação de bibliotecas em sala de aula; espaços dedicados ao livro; delimitação geográfica de um espaço para a leitura em sala de aula; leitura e a escrita sempre presentes em sala de aula através da figura do professor, que nesta etapa de ensino será o leitor e o escriba das crianças; professor como responsável pela promoção da interface entre leitura, escrita e criança; fortalecimento de identidades na Instituição: identidades metodológicas, conceituais de educação, de leitura e escrita, de cidadania e participação comunitária, de promoção de uma cultura de letramento através de trabalho coletivo, solidário, em que o estudo e o permanente aperfeiçoamento se façam presentes no cotidiano da escola infantil; atividades de promoção da leitura ao ar livre - como a barraca de leitura - e itinerantes - com a mala de leitura que circula pelas casas da comunidade, levando leitura e informação; espaço de leitura aconchegante, acolhedor oferecendo um ambiente adequado para o trato com a palavra escrita e lida pelo professor; biblioteca como ferramenta pedagógica para a qualificação das ações educativas desenvolvidas; construção de Jornal Mural: classificados, avisos, informações; leitura de textos de variados gêneros (mitos, narrativas, poesias, fábulas, lendas, cordel); escrita de carta coletiva; leitura de histórias, explorando as gravuras com perguntas de compreensão; exploração de figuras de linguagem;

registro de receitas para fazer diferentes lanches; identificação dos colegas pelo crachá; alfabeto exposto em sala de aula; uso de crachás.

Por fim, a título de ilustração dos dados que mapeamos nas escolas investigadas, observamos a seguinte situação:

- Crianças de até 6 anos tem pouco contato com a leitura em suas casas, seu interesse tem sido em conhecer os contos de fadas, fábulas e poesias.
- Para as crianças de até 12 anos, as experiências de leitura acontecem na escola, seu interesse fica entre literatura infantil passando pela poesia.
- Dos 12 aos 17 anos, as experiências de leitura são as da escola e começam a ter acesso ao Jornal de grande circulação na comunidade. Como interesse percebe-se a literatura infanto-juvenil, as crônicas e contos e também as revistas de diferentes áreas de conhecimento, destacando, cultura, jogos, saúde moda e beleza.
- Dos 17 em diante identifica-se pouco acesso cotidiano de leitura, porém os interesses são os mais diversificados. O foco se dá nos romances, contos, crônicas, livros de culinária, religiosos e infantis, dirigidos a filhos e netos.

Por fim, nos parece interessante destacar que o gosto pela leitura digital é um fato que se observou em todas as faixas etárias.

3. O uso do diário de aula como instrumento de qualificação da escrita

O que se busca com tal dimensão dos Diários de Aula é que o professor-estagiário, através do exercício permanente da escrita, desenvolva

formas de intervir na própria escrita, ampliando/aprimorando sua relação com o texto e sistematizando práticas que o levem a considerar a escrita como algo que se tece artesanalmente, através, dentre outros aspectos, de auto-correção, de leituras individuais e em grupo, de pesquisa em dicionários, organização de glossários, elaboração de dicionários de sinônimos e idéias afins, e tantos outros dispositivos que uma mediação pedagógica adequada e qualificada pode desenvolver junto aos futuros professores. Partiu-se, portanto, da premissa de que escrevendo mais se pode escrever melhor, na medida em que, ao redigir os diários de aula, os educadores se vêem à frente de desafios e problemas a serem resolvidos, que não fariam parte de sua rotina, caso escrevessem menos, já que um exercício reduzido de escrita reduz também a quantidade de dilemas a serem resolvidos na questão do como escrever.

Assim sendo, apesar de conscientes dos objetivos da pesquisa (analisar os diários como instrumento de reflexão sobre a prática docente e como recurso de qualificação da escrita), e dispostos a dela participar, foram inúmeras as manifestações reveladas pelos estagiários de que elaborar o diário de aula exigiria uma demanda de tempo, nem sempre possível de se alcançar em meio a tantas atividades que o cotidiano docente representa.

A validação dos diários de aula como recurso de qualificação da escrita somente começou a acontecer quando as primeiras elaborações de texto foram devolvidas ao grupo e discutidas individualmente, levando-se em conta as indicações feitas ao longo de cada texto sobre aspectos que poderiam ser aprimorados. A escrita, que no início

representava apenas a possibilidade de desvelar erros e inadequações, começou, aos poucos, a ser encarada como objeto de estudo, não como reveladora de limitações. Ao longo da pesquisa, através de códigos convencionados para identificar a natureza dos problemas da escrita, os próprios sujeitos reelaboravam seus textos e discutiam os principais entraves que encontraram ao escrever. Nesse movimento permanente de escrita e reescrita, se desenvolveu a idéia de que escrever exige elaboração e reelaboração constantes, contrariando a crença de que escrever bem é um dom, geralmente, delegado a poucos.

Deste modo, as *contribuições do uso do diário como recurso de qualificação da escrita* começam a se delinear nesta investigação, a partir de diferentes *manifestações dos estagiários sobre o exercício da escrita*, após 4 meses de intenso trabalho de elaboração e reelaboração dos diários:

- A melhoria da escrita está fortemente ligada à prática de escrever, ao hábito da leitura e ao exercício sistemático da escrita.
- A elaboração do diário de aula é um recurso valioso que ajuda a melhorar a escrita, especialmente quando é indicado o que precisa ser melhorado no texto.
- A escrita mais frequente no cotidiano dos professores acontece no envio de bilhetes para os pais, na colocação de recados na agenda dos alunos, no registro do planejamento e na elaboração da avaliação dos alunos.
- A organização e desenvolvimento de idéias é a principal dificuldade encontrada na escrita.
- A escrita revela erros e dificuldades por parte de quem escreve.

- A escrita no cotidiano docente, em geral, é exercitada mais por exigência, menos por prazer.
- A escrita depende mais do trabalho constante do que da inspiração.
- A elaboração dos diários de aula ajudou a melhorar a escrita.

Considerando-se as manifestações dos professores-estagiários e a análise da escrita dos diários, verifica-se que houve, de fato, dificuldade em registrar as situações vividas ao longo do semestre, em função de que nem sempre o que escreviam correspondia ao que queriam dizer. Identificou-se com mais incidência, nos textos, problemas de coesão textual, de coerência, de vocabulário, de ortografia.

Nesse sentido, o que aqui se apresenta dá conta das considerações feitas a partir da análise intratexto realizada a partir dos diários de aula. Com isso, queremos dizer que cada texto foi lido e analisado em relação a ele mesmo, ou seja, a forma de encadeamento das idéias (coesão), a forma como o texto transita entre o geral e o específico (coerência), o ponto de vista defendido pelo autor do diário de aula e os recursos utilizados para que tal ponto de vista ficasse evidenciado, registrando-se, ainda, o desempenho ortográfico desvelado pelos estagiários. Ainda que se trate de resultados parciais, o que se pôde observar é que:

- **A ortografia, ao invés de uma aliada, representa um obstáculo ao exercício da escrita** - inúmeros depoimentos orais, ao longo dos encontros semanais durante todo o semestre 2011/II, dão forma às seguintes preocupações: “*Eu tenho o que dizer e sei o que quero dizer, só não consigo fazer isso por escrito*”...Ou: “*Sei o que quero dizer,*

mas não sei direito como fazer na hora de escrever”. E ainda: “*Escrevo pouco para errar menos...*”.

- **A escrita qualificada ainda está associada a uma “dádiva” que se recebe (ou não...), e não a um exercício constante de elaboração e reelaboração** - também aqui se salienta que, embora a discussão oral sobre os registros dos diários de aula tenha sido rica e pertinente, a maneira como isso se projetou na escrita foi através de textos pequenos, constituídos de poucos parágrafos. Noutras palavras, os professores-estagiários atuam de maneira fortemente marcada pela oralidade e bem menos pela escrita.
- **A auto-correção é uma prática pouco utilizada pelos professores** - isso ficou evidenciado nas reelaborações dos diários de aula, em que muitas das indicações feitas ao longo do texto, para que este fosse reescrito e aprimorado, retornavam à discussão com os mesmos problemas.

Curioso pensar após os resultados parciais, que, embora os professores-estagiários reconheçam que escrever é a melhor maneira de qualificar a escrita, todos afirmaram que escrevem somente quando são solicitados a fazê-lo. Ressalta-se também como aspecto significativo o fato de que a maioria dos professores declarou não gostar muito de escrever, pois, para eles, a escrita revela erros e dificuldades por parte de quem escreve. É recorrente a afirmação de que a maior dificuldade que encontram, ao escrever, é organizar e desenvolver as idéias. Todos os estagiários desta pesquisa concordam que o diário de aula é ótimo instrumento de reflexão e de registro de situações

importantes, além de estar se tornando um rico instrumento para melhorar a própria escrita.

Faz-se importante ressaltar que outras questões emergem como necessárias para que o estudo em questão dê continuidade ao processo de investigação sobre a utilização dos diários de aula como instrumento de reflexão sobre as práticas de letramento em educação infantil. São elas:

- O que o professor-estagiário não sabe quando sente dificuldade de organizar e desenvolver as próprias idéias?
- Qual o entendimento do professor-estagiário sobre organização e desenvolvimento de idéias?
- Que aspectos o levam a não gostar de escrever?
- Que encaminhamentos seriam adequados para estimular no professor-estagiário o gosto pela escrita?
- Que outros encaminhamentos seriam adequados para qualificar os processos de letramento em educação infantil?

Finalmente, o presente estudo tem nos possibilitado abrir novas questões, que pretendem caracterizar as dimensões presentes na prática pedagógica; mapear o desempenho escrito dos professores-alfabetizadores nos diários de aula; conhecer as percepções dos professores sobre letramento e alfabetização em contextos de Educação Infantil. Assim sendo, utilizar os diários de aula como instrumento de reflexão sobre o letramento em contextos de educação infantil nos fez lidar também com inúmeros aspectos ligados à relação que temos com a escrita. Se, por um lado, o registro escrito, nesse estudo, representou a possibilidade de

realizarmos nossas reflexões, convertendo o que vivíamos em narrativas (Zabalza, 2002), por outro, nos fez refletir sobre nossa forma de escrever, sobre as dificuldades e limitações que enfrentamos ao registrar nosso cotidiano por escrito. A análise coletiva, enriquecida pelos diversos olhares, favoreceu um exercício constante de aceitação da interpretação do outro, além de estimular uma prática docente menos solitária e mais solidária. A partilha de diferentes saberes foi possível porque um clima de respeito às diferentes práticas pedagógicas analisadas pelo grupo esteve presente ao longo do semestre, confirmando a idéia de que não discutíamos pessoas, mas sim conceitos e significados de letramento. Isto tudo contribuiu para que a experiência tenha sido extremamente significativa para nós, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional. Entender a escrita como aliada, e não como obstáculo, nas nossas rotinas profissionais pode ser um ponto de partida promissor quando se trata de qualificar a própria atuação pedagógica, especialmente se o foco desta prática se centrar no letramento de crianças que, não raro, contarão apenas com a escola para ter acesso à cultura letrada. Nessa perspectiva, o papel da escola é inequívoco no que se refere a promover a aproximação entre os alunos e o uso social da escrita. Por isso mesmo, de uma parte, insistimos sobre esse aspecto: as crianças que provêm de ambientes cuja leitura e utilização da escrita é algo usual, darão *continuidade* a esse processo na escola, enquanto aqueles que não provêm de ambientes familiares favoráveis do ponto de vista lingüístico terão na escola a primeira (se não, única...) chance de *familiarizar-se* com tais práticas da língua escrita. De outra,

destaca-se também que, ao promover um espaço rico de letramento em sala de aula, o próprio professor se verá afetado na sua capacidade de letramento. Podemos, inclusive, dizer que, aqui, os processos de ensinar e aprender se cruzam de maneira significativa, pois promovendo situações de letramento, estudando conceitos e significados de letramento,

criando/adequando práticas de letramento em sala de aula, avaliando a forma como tais práticas se projetam sobre os alunos, o próprio professor tenderá a mudar sua relação com as práticas sociais da escrita, ampliando o próprio repertório de atuação docente, ensinando enquanto aprende; aprendendo enquanto ensina.

Bibliografia

- Christofoli, M.C.P. (2002). *A aprendizagem da língua escrita: construção dos processos de ler e de escrever*. (Tese de Doutorado em Educação). PUCRS, Fac. de Educação, Porto Alegre.
- Engers, M.E.A. (Org.). (1994). *Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação: notas para a reflexão*. Porto Alegre: EDIPUCRS
- Ferreiro, E. (2002). *O Passado e o Presente dos Verbos Ler e Escrever*. São Paulo: Cortêz.
- Ferreiro, E. (2004). *A Relação de (in) dependência entre oralidade e escrita*. Porto Alegre: ArtMed.
- Morin, E. (1998). *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Oswald, M.L.M.B. (1996). Infância e história: leitura e escrita como práticas de narrativa. In: S. Kramer, e M.I. Leite, (Orgs.) *Infância: fios e desafios da pesquisa* (pp. 57-72). Campinas: Papirus.
- Soares, M. (1998). *Letramento*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Kato, M. (1986). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática.
- Soares, M. (1998). *Letramento um Tema em Três Gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Thoufni, L. V. (1996). *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Cortez.
- Vitória, M.I.C. (2003). O brinquedo e a brincadeira: uma relação marcada pelas práticas sociais. In: S. Jacoby (Org.), *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Vitória, M.I.C. e Moraes, S.C. (2003). A educação e o brinquedo: uma interlocução possível e necessária. *Infantiae*, (160), Disponível em: <http://www.infantiae.org/vitoriamoraes221003.htm>. Acesso em 22 out. 2003
- Zabalza, M.A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zabalza, M.A. (2004). *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed.

Cita del artículo:

Vitória, M.I.C. (2012). Letramento em contextos de educação infantil. *RELADEI - Revista Latinoamericana de Educación Infantil*. 1 (1), pp. 73 - 87. Recuperado el (fecha de consulta) en <http://redaberta.usc.es/reladei/index.php/reladei>

Acerca da autora



Maríalnés Corte Vitoria

Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil.

Mail: mvitoria@pucri.br

Professora Doutora em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela/Espanha.

Professora Categoria Adjunto Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil.

Professora Visitante da Universidade La Plata /Argentina; Universidade Estadual do Pará/Brasil; Universidade Federal de Aracaju/Brasil.

Líder/Diretora do Grupo de Investigação: "Teorias e Práticas na Formação de Educadores" (<http://lattes.cnpq.br/6517504696173217>)

Pesquisa na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Letramento, Produção Escrita e Ensino Superior.